



Associação Propagadora Esdeva
Centro Universitário Academia - UniAcademia
Curso de Psicologia

SARANDIRANDO: EXPANDINDO OS HORIZONTES DA PSICOLOGIA COMUNITÁRIA EM CONTEXTOS RURAIS EM TEMPOS PANDÊMICOS¹

Conrado Pável de Oliveira²
Paula Mauad Kaheler Sá³
Andressa Camila Lenz Sott³
Oetsia Vargas Smits³
Geovana Dadalti Afonso⁴
Júlia Nogueira de Oliveira Freitas⁴
Marcela Almeida Faria⁴
Taynara Maria Batista⁴
Thamara Barbosa Teixeira Dias⁴
Sarah Rocha dos Santos⁴
Felipe Peixoto Piobelo⁴
Marina Carrijo Kotnick da Rocha Pereira⁴

RESUMO

O presente relato de experiência é fruto de uma prática de psicologia comunitária extensionista realizada em Sarandira, comunidade rural pertencente ao município de Juiz de Fora-MG. Serão apresentadas breves reflexões teórico-metodológicas e ético-políticas sobre a psicologia comunitária em contextos rurais, além de uma discussão teórica sobre as categorias psicossociais memória e identidade, consideradas fundamentais para o desenvolvimento do presente projeto. Em seguida, serão relatadas as principais abordagens e intervenções psicossociais realizadas: registro da experiência em diário de campo; construção da linha do tempo com memórias afetivas do próprio trabalho; troca de cartas com narrativas e memórias junto a algumas mulheres da comunidade e, por fim, a construção de um mural virtual de memórias afetivas. Como resultado, apontamos a combinação de diferentes estratégias de mobilização comunitária - nestes tempos de crise sanitária e necessidade de isolamento social em decorrência da pandemia da COVID-19 – como caminhos alternativos para a expansão das possibilidades de ação em Psicologia Comunitária.

1 Artigo fruto do projeto de extensão do Centro Universitário Academia (UniAcademia), na Linha de Pesquisa de Psicologia em contextos sociais, comunitários e políticos.

2 Mestre em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e docente do UniAcademia. E-mail: conradopavel@uniacademia.edu.br

3 Psicóloga pelo UniAcademia.

4 Discente do curso de Psicologia do UniAcademia.

1 INTRODUÇÃO

Sarandira é um distrito⁵ do município de Juiz de Fora que tem sido o campo de realização de estágio curricular e ações extensionistas do UniAcademia, a partir da práxis em Psicologia Comunitária, desde o primeiro semestre de 2019⁶. O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma breve síntese e um esforço de sistematização da experiência em 2020, ano atravessado pela pandemia da COVID-19, e, a partir disso, provocar reflexões sobre os limites e as possibilidades da Psicologia Comunitária em contextos rurais, considerando a conjuntura do tempo pandêmico presente.

Uma das típicas comunidades rurais da Zona da Mata Mineira, Sarandira expressa os encantos e contradições do Brasil profundo, rincões tradicionalmente invisibilizados pela Psicologia enquanto ciência e profissão. A região, historicamente conhecida como Sertões do Rio Cágado, era habitada pelos povos puris e foi, desde o início da colonização até meados do século XIX, parte da então chamada Áreas Proibidas do Leste: curso de contrabando de ouro nos caminhos ocultos e desconhecidos da Mata Atlântica. Somente a partir da abertura do Caminho Novo das Gerais - rota que fazia a ligação do ouro de Vila Rica (Ouro Preto) ao porto do Rio de Janeiro - é que houve o maior fluxo de povoamento na região.

A vila foi constituída no dia 7 de janeiro de 1880 com o nome de Sarandy e, a partir do decreto-lei estadual nº 1.058 de 31 de dezembro de 1943, passou a chamar-se Sarandira. No final do século XIX e início do século XX, ganhou grande relevância no cenário regional como um dos principais polos da monocultura de café para exportação (Foscarini Neto, 2008), chegando a ter mais de 5000 habitantes no ano de 1905. Souza (2007) destaca o alto contingente de população escrava na monocultura e também pequenos grupos campesinatos que produziam gêneros alimentícios.

Não obstante, nas primeiras décadas do século XX, a cafeicultura de exportação já dava sinais de crise e, assim como a terra, se esgotou (Foscarini Neto,

5 Apesar de ser considerada, de acordo com a Lei Complementar nº 82 de 03 de julho de 2018 que trata sobre a Política de Desenvolvimento Urbano e Territorial, como área urbana (aglomerado urbano isolado) do município de Juiz de Fora, a vila de Sarandira é uma comunidade com características predominantemente rurais, tomando como base a nova tipologia de classificação e caracterização dos espaços rurais e urbanos do IBGE de 2017.

6 Para saber mais sobre o início das ações, ver Psicologia Comunitária em Contextos Rurais: identidade e memória coletiva em Sarandira (Oliveira, Sott, Oliveira e Soares, 2019).

2008). De acordo com Caio Prado Jr. (2014), os ciclos econômicos do Brasil possuem uma característica predatória, pois, diante do esgotamento, o território é abandonado como terra arrasada e, com ele, também vão seus moradores, culturas e histórias⁷.

Incrustada nos típicos mares de morros da zona da mata mineira, Sarandira está situada a 37 km de Juiz de Fora, através da BR-267 e de estradas vicinais não pavimentadas, com poucos horários de ônibus circular. Atualmente, tem uma frágil economia voltada à pecuária leiteira e uma população estimada em 250 pessoas, principalmente aposentadas, e grande parte em vulnerabilidade social. Por outro lado, somos atravessados pelo encanto dessa pequena vila ao conhecer sua gente e contemplar suas paisagens. Sarandira é história, cultura, natureza e resistência. Um vilarejo que resiste ao tempo; um lugar onde a comunidade luta para que a história e a cultura não se apaguem.

Serão apresentadas breves reflexões sobre os horizontes de atuação da Psicologia Comunitária em contextos rurais, bem como breves reflexões teóricas sobre as categorias psicossociais memória e identidade. Em seguida, serão analisadas algumas abordagens teórico-metodológicas, principalmente a importância do registro no diário de campo e a necessidade de sistematização das experiências por meio de uma linha do tempo. Por fim, serão apresentadas intervenções psicossociais realizadas no contexto da necessidade do distanciamento social devido à pandemia da COVID-19: a organização de um Mural de Memórias Afetivas em um portal virtual e a troca de cartas com moradoras da comunidade.

2 PSICOLOGIA COMUNITÁRIA EM CONTEXTOS RURAIS: EXPANDINDO OS HORIZONTES DO SABER E FAZER

O modelo hegemônico da sociedade ocidental atual é fundamentado na exploração e opressão de grupos específicos e de um modo de produção baseado no lucro desenfreado e no esgotamento dos recursos naturais, no qual a valorização está centrada nos grandes centros urbanos. A realidade brasileira é marcada pelo

⁷ Em outro trabalho, "Identidade e Memória na comunidade rural de Sarandira: a dialética entre a extenuação e a lembrança-teimosia" de Sott e Oliveira (2021), destacam-se as reflexões provocadas a partir do paralelo entre o esgotamento do solo, do ciclo econômico da monocultura do café e a extenuação também da subjetividade, dos modos de vida e da identidade dos moradores da comunidade.

histórico de colonização, exploração da força de trabalho e concentração latifundiária - estrutura que permanece ao longo de séculos (Prado Jr, 2014).

A partir dessa condição histórica, é inegável que tal realidade traz implicações psicossociais e impacta as condições de vida das populações rurais. Ronzani et al (2019) provocam uma reflexão sobre o tipo de psicologia que se faz possível (e necessário) na aproximação com os contextos rurais. Segundo os autores, é preciso cuidado e coerência teórico-práticos, bem como ético-políticos, visto que a Psicologia, enquanto ciência e profissão, tradicionalmente considera abstrações e universalizações que não condizem com a realidade e o contexto histórico, ainda mais se considerarmos o meio rural.

A experiência acumulada da psicologia comunitária de tradição latino-americana pode trazer referências fundamentais para o desenvolvimento de ações continuadas que tenham a potencialidade de expandir a conscientização acerca das transformações sociais necessárias para este chão histórico. A partir das diferentes ferramentas de mobilização comunitária e estratégias participativas, a práxis da Psicologia Comunitária pode expandir o horizonte da busca pela emancipação dos sujeitos, sobretudo quando articulada às políticas públicas, principalmente de saúde e educação (RONZANI et al. 2019).

Permanecem, todavia, graves lacunas na formação de profissionais de Psicologia, ainda pautada tradicionalmente em uma realidade urbanocentrada (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2019). É preciso, portanto, construir uma Psicologia que considere o aspecto da implicação participativa da comunidade na construção de espaços de autonomia, o que nos leva a considerar a dimensão ética envolvida na atuação em psicologia comunitária que se desenvolve em cenários de conflitos e contradições sociais na busca por acompanhar e colaborar com projetos de transformação social.

Desenvolver uma aproximação às comunidades rurais, para mobilização e potencialização de recursos que promovam a identidade, poder e atividade, torna-se, portanto, uma tarefa fundamental para a construção de uma Psicologia mais crítica e compromissada com a nossa realidade brasileira (RONZANI et al. 2019). É preciso, portanto, pensar em uma Psicologia Comunitária que não somente se insira nos contextos rurais, mas que dialogue de forma coerente, considerando os aspectos históricos e sociais:

Os desafios de desconstruir paradigmas de que a Psicologia é uma ciência e uma profissão elitista e que não tem muito a contribuir com o contexto das zonas rurais, demandam uma dedicação dos psicólogos a fim de evidenciar a necessidade de se desenvolver práticas e teorias contextualizadas nessa realidade. (XIMENES; JÚNIOR, 2013, p. 453).

A aproximação mais sistematizada da Psicologia Comunitária aos contextos rurais no Brasil tem se dado, principalmente, a partir da atuação em políticas públicas, especialmente as de saúde, educação e assistência social, relacionada ao processo de interiorização da profissão, a partir dos anos 2000 (Macedo e Dimenstein, 2011). Atualmente, porém, torna-se necessário lutar pela sustentação e efetivação de tais políticas públicas para uma atuação profissional em Psicologia de forma contextualizada, considerando a atual conjuntura de desmonte sistemático das políticas públicas por parte do governo e o conseqüente agravamento das iniquidades sociais (RONZANI et al. 2019).

Para tanto, é imprescindível compreender o rural como um espaço não homogêneo, superando a percepção de um ambiente estritamente marginalizado ou a leitura exclusivamente centrada em suas dimensões produtivas e econômicas. Dessa forma, estabelece-se a relevância de “entendimento atual de que o espaço rural é um contexto diverso, composto por especificidades a nível cultural, relacional e social” (MOURA Jr. et al., 2019, p. 141-142). Assim, urge a necessidade de que o psicólogo comunitário observe o meio rural mediante toda a sua pluralidade forjada, a partir de relações singulares que atravessam a dimensão individual e social, histórica e cultural.

O trabalho realizado entre o psicólogo e a comunidade deve ocorrer a partir do tripé teoria, prática e compromisso ético-político, capaz de proporcionar a possibilidade de uma práxis libertadora, de forma a auxiliar na autogestão comunitária e no desenvolvimento da autonomia. Nesse sentido, as intervenções psicossociais devem ser fundamentadas em princípios éticos que levam em consideração as demandas e necessidades próprias da comunidade, a responsabilidade do pesquisador, as conseqüências da ação e a perspectiva dos participantes.

Considerando todo o exposto, reafirma-se, de acordo com Rebouças e Ximenes (2010), a concepção de comunidade como

um espaço territorial em que a subjetividade se constrói nas relações de seus moradores entre si e com os contextos sociais. São construídos

vínculos afetivos, sentimento de pertença, problematizações sobre a vida e a realidade (p.155).

Nessa perspectiva, faz-se possível analisar a prática desenvolvida em Sarandira e, assim, compreender a possibilidade de uma reflexão crítica em torno da construção do sujeito comunitário. É na vivência comunitária que se dá a relação com o outro, em que a dimensão social se pessoaliza e a dimensão pessoal se socializa. É neste encontro com o outro, com as memórias que tecem a trama das relações intersubjetivas entre as diversas gerações, que se constitui a subjetividade e se fortalece a identidade.

3 MEMÓRIA E IDENTIDADE: CATEGORIAS PSICOSSOCIAIS FUNDAMENTAIS PARA MOBILIZAÇÃO COMUNITÁRIA.

Ao discorrer sobre a atuação da psicologia comunitária na América Latina, Montero e Serrano-Garcia (2011) ressaltam que a reconstrução das memórias coletivas se faz entre os seus principais subsídios de análise e prática deste saber-fazer. Muito mais do que um mero resgate de elementos do passado, o exercício da memória é entendido como uma construção social da realidade, movimento essencial para a compreensão das dinâmicas relacionais na comunidade.

Ecléa Bosi (2013), autora do clássico “Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos”, recupera a importância das *crônicas*, narrativas que são elementos fundamentais da substância social da memória, sempre relacionadas à raiz *chronus* que remete ao tempo. Nas crônicas são valorizados os pequenos acontecimentos agradáveis e pitorescos, os episódios breves da família, as cenas de rua vividas por anônimos, as conversas de varanda, de uma janela à outra. Pequenas histórias, que a princípio, parecem fragmentadas e descontínuas, mas que expressam a complexidade das contradições da realidade da vida cotidiana.

Ao se implicar sobre a memória social, entende-se que, para além da resignificação de um elemento ou representação passada, essa é inerentemente atravessada por um espaço (físico e afetivo) e tempo coletivo de uma dada cultura. Ou seja, são memórias essencialmente coletivas. Nela, estende-se desde a memória local à história da cidade, regiões e conjunturas; bem como às narrativas que se referem a algo que é público e que também compõe (e é composta) por narrativas tecidas no privado, vinculando-se e dizendo sobre aquele determinado

contexto. Dessa forma, a própria construção da memória coletiva se forma a partir da relação entre esse tempo coletivo, do espaço comum e de determinado grupo, reinventando-se, constantemente, em meio aos seus movimentos e novas construções presentes (COSTA; MACIEL, 2009).

A memória coletiva de uma comunidade requer um espaço e uma escuta sobre os diversos contextos, conflitos e situações que se apresentam nas relações de grupo, que desvelam a complexidade das relações sociais e sua estrutura (COSTA; MACIEL, 2009). Em Sarandira, percebe-se a importância, principalmente, das mulheres que não somente ali se fazem presentes como lideranças comunitárias, mas que também constroem e preservam em ato e vivência a memória coletiva da comunidade e sua autonomia cultural. Essas identidades assim permanecem vivas através da perpetuação e contação dos causos, das tradições, dos acontecimentos e da relação viva que ali estabelecem.

A relação viva entre memória e comunidade, em Sarandira, se expressa através da relação estabelecida com o território enquanto chão de vivências e através dos ritos e dos lugares significativos de encontro na comunidade. Essa relação se faz concreta no sentimento de pertença afetiva com a escola, o posto de saúde, o campo onde ocorrem as festividades e o lazer, a igreja onde se entrelaçam ritos religiosos, comunitários e afetivos, o bar onde se reúnem, o chafariz construído de forma coletiva pela Associação Carabina Cultural e pela comunidade de Sarandira. Também merece destaque a fonte da água milagrosa, um recanto conhecido como mágico não somente por seus milagres, mas também pela história e pelas diversas narrativas de vivências significativas que a perpetua, atraindo pessoas até Sarandira e erguendo um lugar especial da fé e da religiosidade popular na memória viva de quem por ali passou.

Nesse sentido, a memória oral torna-se um instrumento precioso para a constituição da crônica do cotidiano, mediando lembranças e passagens dentre gerações e instituições, “mas ela sempre corre o risco de cair numa ‘ideologização’ da história do cotidiano, como se esta fosse o avesso oculto da história política hegemônica” (Bosi, 2013, pg. 15). Desse modo, a maior riqueza da memória oral consiste justamente em permitir a emergência das contradições, de pontos de vista distintos entre si. Assim, “[...] não vá alguém pensar que as testemunhas orais sejam sempre mais ‘autênticas’ que a versão oficial. Muitas vezes são dominadas por um processo de estereotipia e se dobram à memória institucional” (BOSI, 2013, p. 17). A

memória oral “também tem seus desvios, seus preconceitos, sua inautenticidade” (BOSI, 2013, p. 18).

Diante de discursos ideológicos de dominação, que colocam a estrutura da realidade social enquanto algo naturalizado, universalizado e a-histórico, Martín-Baró (2011) traz provocações sobre as três tarefas urgentes propostas pelo seu projeto de Psicologia da Libertação: a recuperação da memória histórica, a desideologização das experiências cotidianas e o fortalecimento das virtudes populares. O autor entende a recuperação da memória histórica como a “reconstrução de certos modelos de identificação que, ao invés de encadear e alienar os povos, lhes abrem o horizonte para a sua libertação e realização” (MARTÍN-BARÓ, 2011, p. 195). Dessa forma, postula a recuperação crítica da memória como central, no sentido de fortalecimento da identidade e orgulho do pertencimento às tradições culturais que apontam um caminho de libertação histórica.

Nesse percurso, Martín-Baró (2011) traz a tarefa da desideologização das experiências cotidianas, a partir de movimentos ativos de participação crítica e apropriação das experiências originais dos sujeitos e grupos, na busca pela conscientização sobre sua própria realidade. Em outras palavras, desmontar o senso comum, desconstruir preconceitos cristalizados no dia a dia. Por fim, o autor indica a potencialização das virtudes populares, presentes nas tradições, nas diversas expressões da religiosidade popular e estruturas sociais, que possibilitam os povos latino-americanos historicamente (re)existirem em meio aos processos de exploração, opressão e expropriação de seus recursos e vidas. Potencializar as virtudes populares é reconhecer a riqueza e o valor da comunidade, compreender que ela mesma já traz em seus próprios recursos, objetivos e subjetivos, as soluções alternativas para os problemas do cotidiano.

As categorias psicossociais memória e identidade estão intimamente relacionadas. De fato, segundo Ecléa Bosi (2013, p.16), é “do vínculo com o passado (que) se extrai a força para formação de identidade”. A identidade, assim como a memória, é construção social em permanente disputa, em constante movimento de transformação histórica, sujeita às relações de poder, atravessamentos e capturas ideológicas. A identidade é, portanto, uma dimensão da vida em permanente disputa nas relações sociais.

Seguindo tal perspectiva, do materialismo histórico-dialético, Antônio Ciampa (1987,1994) concebe a identidade não como algo finalizado, pronto, engessado e atemporal, mas sim como uma construção que se dá em movimento e na relação com o outro. A partir dessa ideia, o sintagma identidade-metamorfose-emancipação pode ser pensado como um processo que abrange a produção da identidade a partir da identificação com o outro e si mesmo.

Dessa forma, sob a perspectiva da psicologia social crítica, não faz sentido o estudo da identidade como simples características, mas sim como uma dimensão da vida em constante transformação, com potencialidade emancipatória - o que situa a identidade como uma questão social e política (ALMEIDA, 2017). É necessário, então, pensar a identidade como um processo relacional que se dá na produção, e não como mero produto que vai se constituindo em um processo contínuo e, a partir das mudanças estruturais na cotidianidade, se transforma e agrega sentido às relações sociais (OLIVEIRA *et al.*,2019).

É na vida em comunidade que o sujeito se realiza enquanto pessoa, tem o seu nome, expressa a sua palavra, estabelece relações face a face e coloca no mundo a sua ação. São relações que se constroem na tensão dialética da totalidade e singularidade, na fronteira do que é individual e social. Não é possível pensar em comunidade sem pessoas, assim como pensar em comunidade sem questões sociais. De acordo com a psicologia social crítica proposta por Guareschi (2014),

não existe nem o indivíduo isolado, nem o grupo-máquina, fechado: há relações que compõem um grupo. Tanto as pessoas, numa comunidade assim entendida e assumida, como a própria comunidade, são incompreensíveis umas sem as outras. O ser humano se realiza em comunidade e uma comunidade é sempre uma comunidade de seres humanos=relações (p. 20).

Conforme apontado nos estudos de Silvia Lane (1994), a psicologia social latino-americana considera o sujeito como histórico, ativo, transformador e criativo. Com o objetivo de entendê-lo enquanto produtor e produto de sua história, cabe à Psicologia, enquanto ciência e profissão, “recuperar o indivíduo na intersecção de sua história com a história de sua sociedade” (p.13). Dessa forma, os estudos sobre identidade devem ser permeados pela busca da emancipação, comprometidos com a recusa de conceitos identitários essencialistas, a-históricos, engessados e reducionistas. E, por isso, é fundamental entender a identidade humana como uma

metamorfose que tem como objetivo principal alcançar a emancipação não só individual, mas de toda a comunidade (CIAMPA, 1994).

Para Ronzani, Mendes, Oliveira e Leite (2019), é a partir do fortalecimento e da potencialização destas identidades, da autonomia cultural e da memória coletiva que a valorização da cultura local se transforma em um verdadeiro e realista campo de atuação da Psicologia Comunitária. Memória e identidade, como categorias psicossociais, podem, portanto, contribuir para a compreensão tanto da realidade objetiva quanto das configurações subjetivas engendradas no contexto comunitário e na conjuntura histórica. Partindo desse pressuposto, podemos propor reflexões sobre os processos de construção das intervenções psicossociais na comunidade de Sarandira, levando em consideração a realidade da pandemia neste atípico e histórico ano de 2020.

4 INTERVENÇÕES PSICOSSOCIAIS: REINVENÇÕES NECESSÁRIAS EM TEMPOS PANDÊMICOS

No início de 2020, de acordo com planejamento do projeto, a proposta seria dar continuidade às ações já iniciadas em 2019, como o grupo de mulheres e a mobilização em torno da horta comunitária, bem como iniciar outras propostas, como a realização de um inventário afetivo da comunidade em parceria com o curso de Arquitetura e Urbanismo do UniAcademia. Com o advento da pandemia da COVID-19, a partir de março de 2020, nos vemos no desafio de adaptar todas as nossas propostas de ação na comunidade. Muitos questionamentos foram colocados: é possível fazer Psicologia Comunitária em um contexto de necessidade de isolamento social? Como manter e fortalecer vínculos afetivos e de confiança sem estar presente face a face com as pessoas na comunidade?

Nesse novo panorama, a temática da memória e identidade ganhou novos contornos e, a partir das reuniões semanais da equipe do projeto, nos vimos provocados e responsáveis por registrar e analisar a nossa vivência, enquanto psicólogos comunitários em formação, da imersão abrupta em uma nova realidade histórica provocada pela pandemia. Por isso, a fim de cuidar da nossa memória de trabalho e fortalecer a identidade do grupo do projeto de extensão, nos debruçamos na análise das notas de diário de campo construídas no período entre março de 2019 e fevereiro de 2020, e, paralelo a isso, foi realizado o registro sistemático das

memórias de nossas atividades em uma linha do tempo virtual. Destacamos, nesse processo de registro da memória, os momentos afetivos que marcaram o cotidiano das reuniões remotas - expressão dos desafios vividos na formação acadêmica em tempos de pandemia.

No trabalho realizado em todo o ano de 2019 e início de 2020, em Sarandira, enfatizamos a participação nos processos grupais como espaços de pertencimento e fortalecimento da identidade e, principalmente, a dimensão afetiva dos vínculos entre a equipe e a comunidade. Impossível realizar o trabalho de psicologia comunitária em Sarandira sem levar em consideração o afeto que se dá no encontro ou o que Vieira-Silva (2015) carinhosamente nomeia como o “brilho no olho”, dimensão fundamental para a prática de mobilização comunitária. Na circunstância histórica adversa da pandemia, lançamos mão de estratégias alternativas - o mural de memórias afetivas e as trocas de cartas - para, no mínimo, não esfriarmos os vínculos construídos com a comunidade. Para nossa surpresa, tais intervenções tiveram impactos positivos, até mesmo inesperados, e uma boa receptividade da comunidade, produzindo frutos importantes que expressam a vivência comunitária nesse histórico ano de 2020.

4.1 DIÁRIO DE CAMPO - REGISTRANDO NOSSAS IMPRESSÕES, PENSAMENTOS, REFLEXÕES E MEMÓRIAS

Ao trabalhar com o Diário de Campo, pretendemos dar lugar de destaque à reflexão sobre a exposição ao fenômeno e ao ambiente a respeito do qual vai se pensar e pesquisar, dado que “é por meio da convivência e do compartilhamento de situações rotineiras que o desvelamento e a compreensão dos sistemas de significados culturais de uma comunidade podem ocorrer” (FRIZZO, 2017, p.170). A observação participante permite e demanda uma postura aberta à dinamicidade da realidade, essencial à imersão em uma comunidade permeada de fluxos vivos.

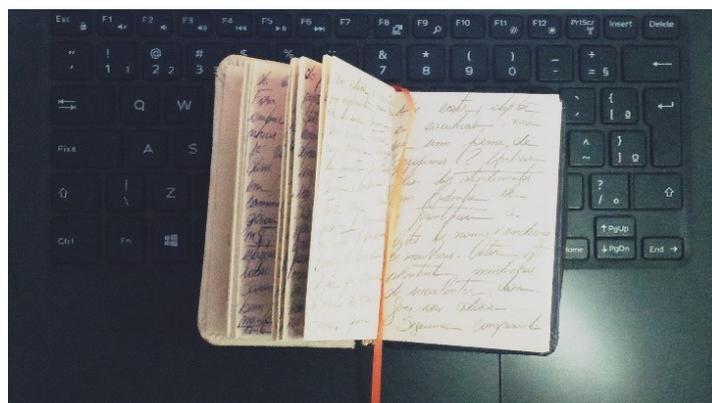
Para as práticas em psicologia comunitária, o Diário de Campo tem se revelado uma ferramenta interessante para se refletir sobre as relações e implicações do sujeito com o seu espaço de atuação. Conforme aponta Frizzo (2010), o termo “Diário de Campo” comumente faz referência à técnica de registro de dados utilizada em pesquisas qualitativas que enfatizam a observação como método de coleta de dados.

O Diário de Campo é uma ferramenta metodológica que nos auxilia a registrar esses movimentos captados em um ambiente que, não raro, é diferente da realidade à qual pertencemos. Ao fazê-lo, registra-se também a implicação, o movimento da própria identidade e o ponto de vista mnêmico que reflete questões candentes à consciência do pesquisador; registro esse que vai à contramão do supostamente neutro, asséptico, puro: em relação com a comunidade, pesquisador e pesquisado transformam-se, contaminam-se em incontornável e desejável intercâmbio.

Enquanto estava tirando fotos da igreja duas crianças mexeram comigo “ôop!”. Aproveitei e puxei assunto: “Bonito demais esse lugar docês hein!” um responde: “Eu não acho não” – e riram. Enquanto eu admirava o desenho de um menino no muro um deles afirmou: “Conhecemos o menino do desenho... o pessoal que desenhou é tudo de Belo Horizonte, esse foi o Rato. Você é de onde?” Respondi que moro em Juiz de Fora. “Vim aqui pra conhecer melhor Sarandira. Fiquei sabendo desses desenhos nas casas..” Falaram muito do Rato, “gente boa demais”, que juntou a molecada pra pintar a escola... “Já foi na cachoeira? Lá é muito legal, tem cobra...” Me explicaram como se chega na cachoeira, “são 4 km seguindo a rua de baixo”. E aí foram me mostrando os lugares importantes em Sarandira: me levaram no campo de futebol, na fonte da água milagrosa, e com isso foi juntando gente no caminho. As crianças ficaram olhando pra câmera e já cheguei falando que gosto muito de tirar foto de passarinhos. Disseram que lá tem muito!! Tucano, coleirinho... (nota de diário de campo, março de 2019).

É nesse sentido que os registros que integram o Diário de Campo são, para o pesquisador, gatilhos de autorreflexão a respeito de sua prática, indicando “[...] a dialética desencadeada pelo próprio processo pedagógico, como tomada de [consciência de] si mesmo e do outro” (FRIZZO, 2017, p. 168).

Figura 1 – Diário de campo do projeto Sarandirando



Fonte: acervo dos autores

A relevância do registro de uma dada prática mostra-se inquestionável para os processos de sistematização e avaliação das ações desenvolvidas em determinado contexto. No entanto, faz-se necessário ponderar sobre o modo como

tal registro é realizado, tendo em vista que tende a ser um recurso que nos aponta os caminhos metodológicos que estão sendo seguidos.

Além de instrumento de pesquisa, o Diário de Campo pode se constituir como uma estratégia didático-pedagógica através, por exemplo, da elaboração de relatos de experiências de estágio: “[...] é uma estratégia para autorreflexão das ações tanto do aluno como do professor, seus altos e baixos, suas conquistas, suas vitórias, as emoções que perpassam a relação [...]” (FRIZZO, 2010, p.168), isto é, um processo de tomada de consciência de si mesmo e do outro.

Observávamos pela janela do ônibus as intermináveis montanhas do itinerário, no que a companheira indaga: ‘com tanto espaço, porque é que nos amontoamos na cidade?’. Refletimos primeiramente sobre a suposta função daquelas montanhas peladas, que em realidade constituem-se em montanhas-pasto. O pasto dá-se também a partir da necessidade de se suprir uma demanda alimentar urbana. [...]. A zona rural possui a função de cobrir o desenvolvimento urbano, como um tipo específico de periferia. A cidade, que por sua vez também possui periferias urbanas que sustentam um nível de formação e especialização de determinadas classes, não tem tempo ou espaço para o que se produz na zona rural, ainda que necessite do resultado desse trabalho e se aproprie dele. (nota de diário de campo, jun. 2019)

A escrita do Diário de Campo permite que, para além de uma prática descrita superficialmente, o envolvimento do sujeito com o campo seja evidenciado; a beleza do modo como se conta algo está na implicação que o indivíduo tem com o que se conta. Nessa perspectiva, não há acontecimento mais ou menos importante; algum elemento que valha mais a pena de ser contado que outro: “[...] tudo o que nos acontece é notável porque nos concerne” (ADES, 2004, p.233). Florear os discursos; florescer as vivências:

Conhecemos a fonte milagrosa, bebemos daquela água que, de fato, se mostrou diferente e eu tive a sensação de que poderia ficar naquele recorte de Sarandira por horas a fio, de tão agradável que se mostrava aquele espaço. Rodeados pelas árvores, os banquinhos nos convidavam a sentar e escutar o barulhinho da água caindo. E só. Andressa nos disse que aquele era um bom lugar para fazer as anotações do campo – o que eu não duvidava nem um pouco. (nota de diário de campo, 13 de março de 2020)

O Diário de Campo também se faz notável por dialogar com a categoria de memória, à medida que nos conduz aos movimentos de recuperação do que foi assimilado de uma certa realidade e apropriação dos afetos envolvidos nesse processo. Evidentemente, o excesso de informações ao qual somos submetidos atualmente parece atravancar, consideravelmente, a escrita em dois aspectos: primeiramente, se não registramos tais dados progressivamente, ficamos reféns de um armazenamento mental que, mostrando-se sobrecarregado, nos leva ao

esquecimento; em segundo lugar, tendemos a ignorar ou dispensar a riqueza dos detalhes.

Utilize, para se exprimir, as coisas de seu ambiente, as imagens de seus sonhos e os objetos de suas lembranças. Se a própria existência cotidiana lhe parecer pobre, não a acuse. Acuse a si mesmo (RILKE, 1989, p.23).

À vista disso, escrever também nos oferece a oportunidade de disciplinar a nossa percepção, valorizar os pormenores de uma experiência e evocar memórias significativas, o que requer treino:

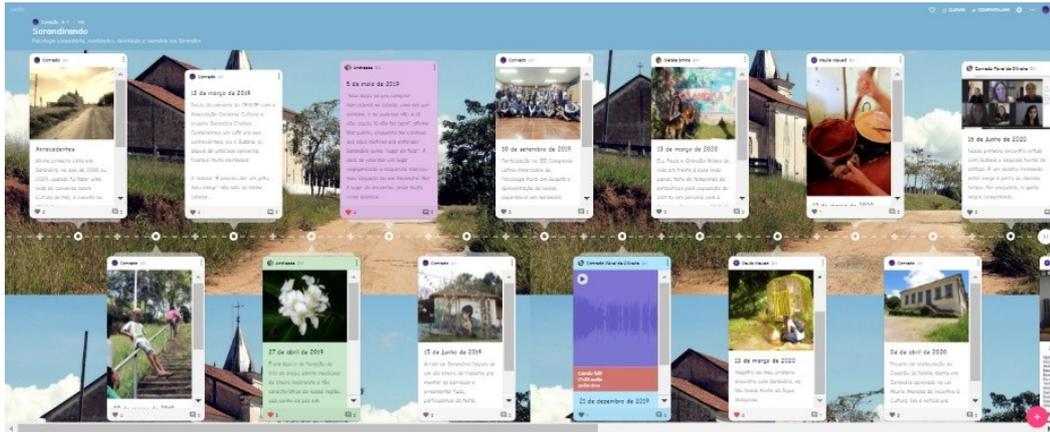
As palavras, ditas ou escritas, nunca são justas ao sentimento da vivência. A memória nos prega peças e, por vezes, deixamos de relatar coisas importantes, apesar do nosso esforço. Ainda assim, posso dizer que essa primeira ida à Sarandira avivou angústias e sonhos profissionais que, eu espero, sejam propulsores de mudanças (nota de diário de campo, 13 de março de 2020).

4.2 LINHA DO TEMPO - SISTEMATIZANDO NOSSAS MEMÓRIAS DO TRABALHO

A construção do saber em Psicologia Comunitária e a sua conseqüente prática, com enfoque de trabalho nas categorias psicossociais de memória e identidade, demandam, dos atores envolvidos, uma postura ativa acerca de suas próprias memórias, de modo a contribuir para uma implicação efetiva no processo. Nesse sentido, o registro das memórias que permeiam a práxis mostra-se como um potente recurso de cuidado para com elas.

Nesse sentido, construímos uma linha do tempo, através da plataforma digital Padlet, com o intuito de compilar nossas experiências, implicações, pensamentos, vivências subjetivas e fatos do cotidiano atrelados às ações de/em Sarandira. Para fins de sistematização, os registros estão organizados em torno de datas e, a princípio, estão com acesso restrito aos integrantes do Projeto. Nessa perspectiva, acredita-se que o compartilhamento de fotos, vídeos, textos e links reaviva as práticas passadas e contribua para o desenvolvimento das futuras ações.

Figura 2 – Fragmentos da Linha do tempo Sarandirando



Fonte: acervo dos autores

A inspiração para a construção dessa linha do tempo surgiu da participação de alguns membros do projeto em uma atividade proposta pelo MAOB – Museu de Artes e Ofícios Bodoque, dedicado à pesquisa e ao resgate de ofícios artesanais realizados em Juiz de Fora. Na ocasião, uma palestra intitulada “Documentação de narrativas humanas como registro de identidade cultural”, Pedro Carcereri nos provocou a pensar: qual a sua primeira memória de trabalho? Ao dialogarmos sobre a importância do registro, sistematização, cuidado das nossas memórias para atravessar estes tempos de crise, percebemos como o nosso trabalho realizado em Sarandira pode ser significativo para se repensar as diversas formas de saber e fazer da Psicologia Comunitária.

4.3 MURAL DE MEMÓRIAS AFETIVAS – EXPLORANDO AS POSSIBILIDADES DAS MÍDIAS DIGITAIS NO CONTEXTO DO ISOLAMENTO SOCIAL.

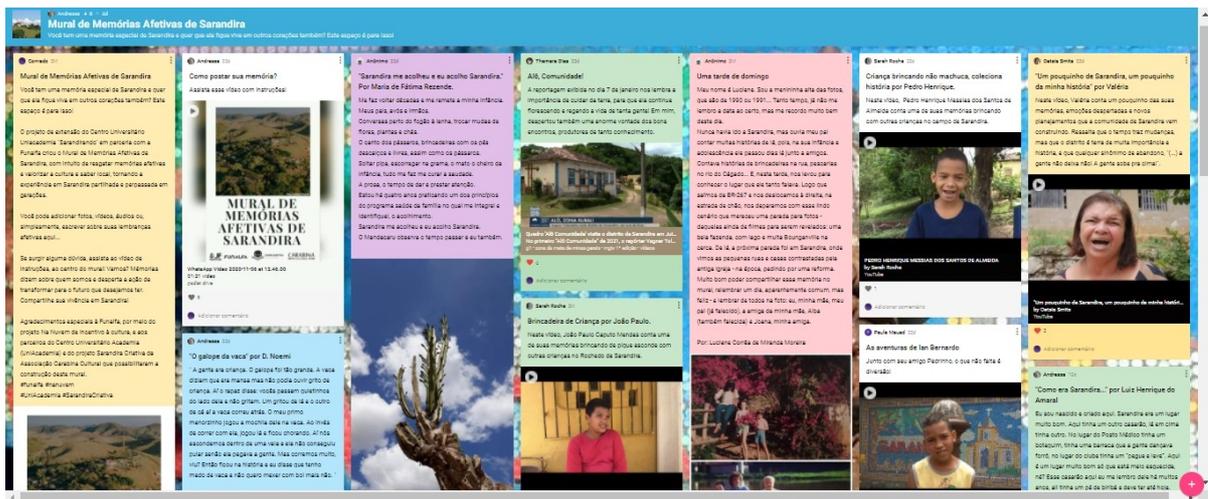
A proposta consiste na elaboração e disponibilização de um Mural de Memórias Afetivas de Sarandira⁸, através também da plataforma Padlet. O lançamento do Mural foi baseado em material diverso já recolhido na comunidade pela equipe do projeto entre março de 2019 e fevereiro de 2020. Somam-se a isso materiais recentes enviados de forma remota, devido ao contexto da pandemia, por pessoas que residem, trabalham ou têm uma história em Sarandira a ser contada. O mural continua aberto para o público e as pessoas serão convidadas a colaborar com o envio de materiais (fotografias, cartas, receitas de culinária típica, áudios com

⁸ Para visitar e contribuir no mural, acesse: <https://nanuvem.funalfa.com.br/area/patrimonio-e-memoria/>

narrativas, causos, histórias, boletins de escola, cadernos escolares, cartazes de festas tradicionais, entre outros objetos biográficos) diretamente na plataforma, com o conteúdo inicialmente moderado pela equipe.

Destaca-se que o Mural de Memórias Afetivas de Sarandira recebeu apoio da FUNALFA – Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage, por meio do edital Na Nuvem de incentivo aos trabalhos culturais no contexto da pandemia da COVID-19 e que contemplou outros 100 produtos culturais que representam a diversidade da cena cultural de Juiz de Fora. Esse trabalho está relacionado e complementa a iniciativa da Associação Carabina Cultural de elaboração do projeto de restauração do casarão de Sarandira, aprovada pela lei municipal Murilo Mendes de incentivo à cultura.

Figura 3 – Fragmentos do Mural de Memórias Afetivas de Sarandira



Fonte: <https://padlet.com/AndressacLs/2kgy9ebv89jhf15>

O principal objetivo é contribuir para a cultura, a identidade e o pertencimento locais a partir da mobilização em torno de referenciais territorializados de memória. Experiências significativas como as do Museu de Coisas Banais⁹ e sua exposição "Objetos que aproximam" ensinaram o desejo de criar um acervo virtual de memórias, traduzidas por breves narrativas do cotidiano, cenários e objetos biográficos diversos do cotidiano miúdo de Sarandira.

Entendemos que esse tipo de experiência é uma forma de recriar e agregar afeto à história de um território, via narrativas não oficiais, não raro subalternizadas e invisibilizadas. As memórias costuradas coletivamente formam uma trama que

⁹ Para conhecer mais: <https://museudascoisasbanais.com.br>

transcende a perspectiva atomizada individualista, possibilitando a emergência de outros olhares sobre identidades pessoais e coletivas, agora situadas.

4.4 CARTAS ANDANTES - DIÁLOGOS REMOTOS PARA ALÉM DA INTERNET

Visando estreitar os laços com a comunidade e fortalecer aqueles já existentes, bem como criar espaços para que as memórias possam emergir e reafirmar as identidades, o processo de escrita de cartas aos residentes de Sarandira constituiu-se como uma estratégia de mobilização comunitária em tempos de pandemia e, conseqüentemente, como uma nova frente de atuação do projeto.

A escolha das cartas como meio de comunicação deu-se em função da precariedade do acesso à internet no distrito, da dificuldade de manejo das tecnologias de alguns moradores da comunidade e da escolha por resgatar um recurso que se encontra um tanto sufocado pelo mundo online. O processo de escrita manual parece nos lembrar da potência de nossas palavras e do cuidado que devemos ter ao transmitir uma mensagem, já que a escrita foi forjada tradicionalmente para atender aos interesses de uma população branca, urbana, heteronormativa e de classes média e alta. Nesse sentido, enquanto defensores de uma Psicologia que luta contra a opressão das minorias, nosso dever também está em assumir uma posição combativa no processo de escrita.

Ademais, tal movimento parece nos atentar também para o fato de que escrever uma carta não é fácil porque precisamos abrir mão do que julgamos como parâmetros de alcance e eficiência dos meios de comunicação e, principalmente, da comodidade e, ao mesmo tempo, da efemeridade das mensagens instantâneas de celular. Escrever e aguardar uma carta é mergulhar em outra forma de vivenciar o tempo. Fotografias são também enviadas já que, além de serem um sinal de delicadeza para com as pessoas da comunidade, têm o potencial de aguçar a narrativa de memórias afetivas.

As cartas e fotografias são entregues e recolhidas por meio da colaboração da técnica de enfermagem Fátima que atua há anos na Unidade Básica de Saúde de Sarandira e reside em Juiz de Fora. Parceira de qualquer ocasião, a profissional expressa nesse gesto a consciência da importância do acolhimento e do fortalecimento de vínculos como elementos fundamentais para a promoção de saúde na comunidade.

Figura 4 – Cartas andantes



Fonte: acervo dos autores

Até o presente momento, algumas devoluções foram obtidas; outras estão à vista. Receber carinhosamente uma carta que contém uma sensível narrativa sobre como foi vivenciada a centenária celebração do dia da Nossa Senhora do Livramento, padroeira de Sarandira, sem a típica, calorosa e aglomerada festa na comunidade, além de impactante, é, no mínimo, um registro histórico de valor inestimável que expressa o cotidiano miúdo e as angústias próprias destes tempos de pandemia.

A espera por novas respostas nos faz cultivar uma saborosa expectativa, assim como quando fazemos um bolo e esperamos que ele fique pronto para apreciar o trabalho feito. Por enquanto, seguimos observando o crescimento pelo vidro do forno.

Apesar de as respostas terem seus destinatários próprios, o grupo Sarandirando foi sensibilizado como um todo, impedindo que um suposto marasmo, causado pela impossibilidade dos encontros presenciais, nos afetasse. Com as vendas que nos foram colocadas pelo mundo acadêmico e o conseqüente olhar limitado, os caminhos parecem ser sempre os mesmos. Mas, quando nos colocamos disponíveis para realizar um percurso diferente do usual, as vendas caem, automaticamente, e caminhos alternativos incríveis são redescobertos. A troca de cartas emanou vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A invisibilidade, o silenciamento e esquecimento das comunidades rurais no Brasil estão diretamente atreladas à ideologia que nos conduz a pensar, distorcidamente, que o campo significa atraso, abandono, carência. Outras leituras, porém, percebem a realidade do campo de forma romantizada e idealizada como lugar bucólico, do descanso. As ruralidades são uma realidade complexa e exigem um olhar específico da Psicologia, tradicionalmente centrada em um modelo positivista de sujeito urbano, ou, no limite, a-histórico. A nós, estudantes e

profissionais da Psicologia, cabe-nos buscar conhecer a realidade das comunidades rurais de forma crítica: não psicologizar as ruralidades e sim ruralizar a psicologia.

Como já dizia Martín-Baró (2017):

trata-se de trocar nosso tradicional idealismo metodológico por um realismo crítico. Aos psicólogos latino-americanos nos faz falta um bom banho de realidade, especialmente dessa realidade que oprime e angustia as maiorias populares (p.78).

Por meio da práxis de Psicologia Comunitária em Sarandira, foi possível abrir caminhos para conhecer e aprofundar sobre essa realidade, extremamente diversa, heterogênea e desafiadora, que expressa a vida de uma significativa parcela da população brasileira. É a partir da vivência desse Brasil profundo, revelado nas relações afetivas do cotidiano, que está sendo possível expandir os horizontes de atuação e aguçar a crítica proveniente da psicologia comunitária, em uma proposta de formação potencializada pela articulação entre extensão, pesquisa e ensino.

Seguindo as provocações de Aílton Krenak (2019), para além de pensar a ideia de desenvolvimento e progresso, é preciso buscar o envolvimento; envolvimento com as pessoas, com o mundo partilhado na comunidade. Alimentar a relação de abertura com o outro, diverso, e, a partir daí, abrir espaço para a emergência do sujeito comunitário que somos. É pela construção e fortalecimento de um vínculo verdadeiro com as pessoas, suas histórias, desafios e anseios, que estamos fazendo cotidianamente de Sarandira - como nos diz Ecleia Bosi (2013), nossa comunidade de destino.

“Sarandirar”: verbo que significa a ação de envolver-se com a comunidade de Sarandira, de participar e reencantar a existência; e o orgulho de pertencer à comunidade, se colocar ao lado das pessoas que historicamente são silenciadas, valorizar a memória, vivenciar intensamente a cultura popular, alimentar a empatia, reconhecer a boniteza do outro. Tal envolvimento cotidiano se coloca como caminho fundamental para o fortalecimento da identidade, enraizamento e mobilização comunitária, mesmo diante do tamanho desafio imposto pela pandemia da COVID-19. De fato, a ressignificação do passado a partir das memórias comunitárias, possibilita um pertencimento e uma elevação da consciência dos desafios da atualidade e, assim, abre janelas para a reinvenção de caminhos alternativos: engravidar o tempo de esperança para nascer um outro futuro possível.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a toda comunidade de Sarandira, sua gente e seus encantos; à Suzana Markus e toda a Associação Carabina Cultural por meio do projeto Sarandira Criativa; à FUNALFA que apoiou o Mural de Memórias Afetivas de Sarandira; à professora Milena Andreola e toda equipe do projeto de extensão Sarandirando do curso de Arquitetura e Urbanismo e ao Centro de Extensão e Pesquisa do UniAcademia por apostar no fomento de ações de extensão que têm o potencial de articulação com a pesquisa e ensino - bases para a formação de profissionais altamente qualificados e comprometidos com a realidade brasileira.

REFERÊNCIAS

ADES, César. A memória partilhada. **Psicol. USP**, São Paulo, v.15, n.3, p. 233-244, 2004.

ALMEIDA, J. A. M. Identidade e Emancipação. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 29, e170998, 2017. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822017000100403&lng=en&nrm=iso>. access on 11 Dez. 2020. Epub Dec 18, 2017.

BOSI, E. O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013.

CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina**: um ensaio de Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CIAMPA, A. C. Identidade. *In*: LANE, Silvia T. Maurer; CODO, Wanderley (Org.) **Psicologia Social**: o homem em movimento. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. Pg. 58-75.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências Técnicas para atuação de psicólogos (os) em questões relativas à terra**. Conselho Federal de Psicologia. Brasília, DF: CFP, 2019. 92 p.

FOSCARINI NETO, P. O Distrito de **Sarandira: mudanças e permanências na paisagem**. 2008. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005. 200p.

FRIZZO, K. R. Diário de campo: reflexões epistemológicas e metodológicas. *In*: SARRIERA, J. C.; SAFORCADA, E. T. (org.). **Introdução à psicologia comunitária**: bases teóricas e metodológicas. Porto Alegre: Sulinas, 2010. P.169-187.

GUARESCHI, Pedrinho Arcides. O mistério da comunidade. *In*: SARRIERA, Jorge Castellá; SAFORCADA, Enrique Teófilo (org.). **Introdução à Psicologia**

Comunitária: bases teóricas e metodológicas. Porto Alegre: Sulina, 2014. pg. 13-23.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LANE, S. T. M. A psicologia social e uma nova concepção de homem para a psicologia. In: LANE, S. T. M; CODO, W. (org.) **Psicologia Social: o homem em movimento**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MACEDO, João Paulo; DIMENSTEIN, Magda. Expansão e interiorização da Psicologia: reorganização dos saberes e poderes na atualidade. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 31, n. 2, p. 296-313, 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000200008&lng=en&nrm=iso>. access on 21 Nov. 2020

MARTÍN-BARÓ, I. O desafio popular à Psicologia Social na América Latina. In. MARTÍN-BARÓ. **Crítica e Libertação na Psicologia: Estudos psicossociais** (pp. 66-88). Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. p. 66-88.

MARTÍN-BARÓ, I. Para uma Psicologia da Libertação. In GUZZO, R. S. L., LACERDA Jr. F. (orgs.). **Psicologia Social para a América Latina: o resgate da Psicologia da Libertação**. 2ª ed. Campinas, SP: Alínea, 2011. p.189-197.

MONTERO, M., SERRANO-GARCÍA, I. Una introducción a la psicología comunitária en América Latina. In: MONTERO, M, SERRANO-GARCÍA, I. (orgs.). **Historias de la psicología comunitaria en America Latina: participación y transformación**. Buenos Aires: Paidós, 2011. p. 23-40.

MOURA Jr. J. F.; MALHERME, V. N.; SOUSA, C. M. S.; ÁUREA, Z. Psicologia e contextos rurais no Brasil: interlocuções com a psicologia comunitária. **Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology**, v. 53, n. 2, p. 140-154, 17 Dec. 2019.

OLIVEIRA, C. P.; SOTT, A. C. L.; OLIVEIRA, L. M.; SOARES, S. F. **Psicologia comunitária em contextos rurais: identidade e memória coletiva na comunidade de Sarandira**. In: Memorias del IV Encuentro Latinoamericano de Extensión y Desarrollo Rural y del III Congreso Latinoamericano de Psicología Rural. Bogotá: Órgano Informativo de Extensión Fundación Universitaria Agraria de Colômbia UNIAGRARIA, 2019. Disponível em https://www.uniagraria.edu.co/wp-content/uploads/2020/10/Revista-Encuentro-Latinoamer.-Extensi%C3%B3n_compressed-1.pdf. Acesso em 13 dez 2020.

PRADO Jr., C. A revolução brasileira; A questão agrária no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

REBOUÇAS Jr., F.G., & XIMENES, V.M. Psicologia Comunitária e Psicologia Histórico-Cultural: análise e vivência da atividade comunitária pelo método dialógico-vivencial. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 5, n.2, p. 151-162, agosto/dezembro 2010.

RED LATINOAMERICANA DE PSICOLOGÍA RURAL. Acta de formalización de la Red Latinoamericana de Psicología Rural. Documento apresentado no **IV Encuentro Latinoamericano de Extensión y Desarrollo Rural y III Congreso Latinoamericano de Psicología Rural**, Bogotá, Colombia, 2019.

RILKE, R. M. **Cartas a um jovem poeta**. 16 ed. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1989.

RONZANI, T. M.; MENDES, K. T.; Oliveira, C. P.; LEITE, J. F. Contextos rurais e Psicologia Comunitária: Um encontro possível e necessário. *In*: FREITAS, M. N. C.; FREITAS, L. C.; POLLO, T. C. (org.). **Instituições, Saúde e Sociedade: Contribuições da Psicologia**. Belo Horizonte: EdUEMG, 2019. p. 59-79.

VIEIRA-SILVA, M. Práticas em psicologia comunitária e processos de mobilização social: provocações para um debate. **Pesquisas e práticas psicossociais**. v.10, n.2. p. 292-300, 2015.

XIMENES, V. M.; Jr., J. F. **Psicologia Comunitária e Comunidades Rurais do Ceará: caminhos, práticas e vivências em extensão universitária**. *In*: Leite, J. F. & Dimenstein, M. (org.). **Psicologia e Contextos Rurais**. 1ed. Natal: EDUFRN, 2013. p. 453-476.